




Anti-educação: uma ecosofia da educação libertária

Antieducación: una ecosofía de la educación libertaria

Anti-education: an ecosophy of libertarian education

Rafael Moraes Limongelli
rafaelima@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9911-0936>

Rafael Limongelli é anarquista, doutor em educação (Unicamp/CAPES), com estágio internacional na Universidade Nova de Lisboa (CAPES), mestre em educação (Unifesp/CAPES), bacharel em ciências sociais (PUC SP) e técnico em artes cênicas (INDAC). É diretor da Flípei - Festa Literária Pirata das Editoras Independentes. É integrante do LIMA - Laboratório Insurgente de Maquinarias Anarquistas desde 2019, junto de Silvio Gallo, Olivia Coelho e Renato Mendes. É Performer no coletivo Cara de Cavalo com Carolina Bianchi.

Resumo- Resúmen- Abstract

Este é um ensaio sem conciliações. Talvez porque seja impossível conciliar as partes e encontrar uma homeostase. Talvez porque seja inútil procurar um equilíbrio das forças em luta. Talvez porque o corpo apenas cansado de tanta guerra esgotou o que instiga à negociação infinita. Talvez porque no momento em que se consegue ler o acontecimento, para tentar dizer sobre suas partes, este mesmo

Este es un ensayo sin reconciliaciones. Quizá porque es imposible reconciliar a las partes y encontrar una homeostasis. Quizá porque es inútil intentar equilibrar las fuerzas en guerra. Tal vez porque el cuerpo está cansado de tanta guerra que ha agotado lo que instiga a una negociación infinita. Tal vez sea porque para cuando consigues leer el acontecimiento, intentar decir algo sobre sus partes, ese

This is an essay without conciliations. Perhaps because it is impossible to reconcile the parties and find a homeostasis. Perhaps it's because it's pointless trying to balance the forces at war. Perhaps it's because the body is tired of so much war that it has exhausted what it needs for endless negotiation. Perhaps it's because by the time you manage to read the event, to try to say something about its parts,

acontecimento já não está mais ali, e outra coisa já está acontecendo. Talvez, por isso ou aquilo... Este é um ensaio que provoca o encontro do pensamento libertário em educação com o pensamento ecosófico de Félix Guattari. Ao afirmar a urgência de uma ecossófia da educação anarquista, através de uma anti-educação, levanto uma hipótese de que faz um duplo-gesto. De um lado, uma tentativa de fazer uma leitura ecosófica da educação libertária, uma leitura molecular dos anarquismos no campo da educação. Do outro lado, faz uma tentativa de uma leitura libertária do pensamento da filosofia das diferenças, uma leitura anarquista dos pós-estruturalistas. A hipótese que sustento é que a ecossófia pode operar como um plano de consistência para a educação anarquista contemporânea, servindo de ferramenta-máquina para expandir as práticas e atualizar alguns conceitos-chaves, tais como: sujeito, natureza, humanidade, aprender, verdade, coletivo, individual, etc. Poderíamos localizar essas práticas ecosóficas-libertárias inscritas sob o conceito de anti-educação. É preciso conduzir uma prática anti-educativa, caminhando para uma ecossófia da educação anarquista? Este texto é um misto de ensaio científico e pura poesia para insuflar ar para sonhar.

mismo acontecimiento ya no está ahí, y ya está ocurriendo otra cosa. Este es un ensayo que provoca el encuentro entre el pensamiento libertario en educación y el pensamiento ecosocial de Félix Guattari. Al afirmar la urgencia de una ecossófia anarquista de la educación, a través de la antieducación, planteo la hipótesis de que se trata de un doble gesto. Por un lado, intenta hacer una lectura ecosófica de la educación libertaria, una lectura molecular de los anarquismos en el campo de la educación. Por otro lado, intenta una lectura libertaria del pensamiento de la filosofía de las diferencias, una lectura anarquista de los postestructuralistas. Mi hipótesis es que la ecossófia puede operar como un plano de consistencia para la educación anarquista contemporánea, sirviendo como una máquina-herramienta para ampliar las prácticas y actualizar algunos conceptos clave, tales como: sujeto, naturaleza, humanidad, aprendizaje, verdad, colectivo, individuo, etc. Podríamos situar estas prácticas ecolibertarias bajo el concepto de anti-educación. ¿Es necesario llevar a cabo una práctica antieducativa, avanzando hacia una ecossófia anarquista de la educación? Este texto es una mezcla de ensayo científico y poesía pura para insuflar aire a los sueños.

that same event is no longer there, and something else is already happening. This is an essay that provokes the encounter between libertarian thinking in education and the ecosophical thinking of Félix Guattari. In affirming the urgency of an anarchist ecosophy of education, through anti-education, I raise a hypothesis that creates a double gesture. On the one hand, it attempts to make an ecosophical reading of libertarian education, a molecular reading of anarchisms in the field of education. On the other hand, it attempts a libertarian reading of the thought of the philosophy of differences, an anarchist reading of the post-structuralists. My hypothesis is that ecosophy can operate as a plane of consistency for contemporary anarchist education, serving as a machine-tool to expand practices and update some key concepts, such as: subject, nature, humanity, learning, truth, collective, individual, etc. We could locate these ecosophical-libertarian practices under the concept of anti-education. Is it necessary to conduct an anti-educational practice, moving towards an anarchist ecosophy of education? This text is a mixture of a scientific essay and pure poetry to inspire dreams.

Palavras-chave: Educação; Anarquismos; Filosofia da Educação; Ecosofia.
Palabras Clave: Educación; Anarquismo; Filosofía de la Educación; Ecosofía..
Keywords: Education; Anarchism; Philosophy of Education; Ecosophy.

Para citar este artículo:

Moraes, R. (2024). Anti-educação: uma ecosofia da educação libertária. *Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*. 11(22).



Anti-educação: uma ecosofia da educação libertária

Antieducación: una ecosofía de la educación libertaria

Anti-education: an ecosophy of libertarian education

Guattari (2015) no livro *Que és la ecosofia?* - um compilado de textos publicado pela Editora Cactus (Buenos Aires, Argentina), organizado por Stéphane Nadaud - contribui de forma emblemática para a conceituação da ecosofia como prática revolucionária. Nadaud articulou uma série de pequenos artigos, entrevistas e palestras cedidas por Guattari que abordam de forma muito detalhada e sob diversos aspectos. Ali Guattari desenvolve as possibilidades do fazer e da análise ecosófica. Um destes artigos também integra a versão em português do livro *Caosmose* (2012). No artigo *Hacia una ecosofía*, que os editores têm dificuldade de precisar a data da publicação, mas indicam algo entre 1988 e 1991, Guattari (2015) elabora uma pergunta diante das crises do político, do social e do existencial. Poderíamos afirmar que seria a pergunta fundante da ecosofia:

Como modificar as mentalidades, como reinventar as práticas sociais que dariam à humanidade - se é que ela já teve uma - um senso de responsabilidade não apenas por sua própria sobrevivência, mas também pelo futuro de toda a vida neste planeta, a das espécies animais e vegetais, bem como das espécies incorporais, se assim posso dizer, como a música, as artes, o cinema, a relação com o tempo, o amor e a compaixão pelos outros, o sentimento de fusão dentro do cosmos? (Guattari, 2015, p. 50).

Evidentemente é uma pergunta especulativa, já que ele se pergunta coisas enquanto afirma outras. Seu interesse por essa pergunta parece ressoar com as interrogações em torno das revoltas moleculares, que movimentam seu pensamento principalmente nos anos 70, como também ressoam profundamente nos paradigmas criados por ele em relação à *esquizoanálise*, elaborado principalmente nos anos 60. Há uma continuidade e desdobramento no pensamento de Guattari que podemos acompanhar através destes três conceitos, senão como sinônimos, pelo menos, como acoplamentos: esquizoanálise, revolução molecular e *ecosofia*.

Cubero (2015) incitou o rompimento material e afetivo com o sistema vigente como a prática de uma atitude libertária - uma atitude anarquista. Guattari (2015) também incita uma atitude dupla: transformar as mentalidades e as práticas sociais. Não se trata apenas de um programa social a ser implantado ou apenas uma nova organização sistêmica dos modos de produção objetivos da sociedade. Trata-se, aqui, de uma alteração das práticas e do pensamento. O pensamento para Guattari (1981, 2001, 2004, 2012, 2012b, 2015, 2016, 2020, 2020b, 2022) e Godinho (2013) não está localizado só na racionalidade e na consciência. Pelo contrário, sentir é pensar, e vice-versa. Rolnik (2018) afirmou uma outra forma de saber, para além do saber do arquivo social, nomeado de saber etológico ou saber do vivo, que agencia outras formas de produção de conhecimento através do acompanhamento sensível dos afectos e perceptos. Cubero (2015), inclusive, nos inspira a praticar uma educação pela paixão, onde as sensibilidades e a mobilização do desejo são os vetores que dirigem a prática educativa. Guattari (2015), no trecho citado, portanto, indica um duplo renovar, tanto das práticas coletivas das espécies vivas, como dos saberes dos vivos.

Essa modificação-transformação está destinada à uma defesa da sobrevivência da espécie humana, no entanto, não somente a humana, como também todas as espécies animais, vegetais, minerais, etc. Poderíamos nomear esse conjunto que se defende como *as formas vivas do planeta*? Bem, Reclus e Kropotkin, também estavam interessados na constituição de alianças multiespécies, afirmando que a liberdade e a evolução das espécies só se tornaria possível com um agenciamento coletivo envolvendo todas as formas vivas da terra, seja através das *ciências da vida* e do *equilíbrio ecossistêmico* (Reclus, diversos, como citado em Ferreira, 2006); seja através do *apoio mútuo* (Kropotkin, 2021). Adiante, na pergunta de Guattari (2015), há uma adição importante no rol das formas de vida que a ecosofia procura defender, a saber: as espécies incorporais. As espécies incorporais podem ser nomeadas como: *os virtuais; os universos incorporais; o novo; a novidade; as coisas sem forma; as energias do caos; a caosmose; a criação; a estética; os germens de vida; os traçados; os bosques; o sonho; o pensamento fora da terra; etc.* Dentro do *phylum maquínico* da educação libertária, a primeira pensadora a realizar essa rachadura e inserir a defesa da vida em germinação foi Maria Lacerda de Moura. Moura (2021), instaura a necessidade de um gesto inquieto diante de uma educação que não abafa o sonho fora da terra (Moura, 2021, p. 56). Moura (2021), afirma a necessidade de cultivar

um corpo, nossa única possessão, que mantenha o plexo solar aberto para *captar as energias* do cosmos (Moura, 2021, p. 55).

Guattari (2015), portanto, está engajado na defesa de espécies que ainda não existem, mas que têm todo direito a existência. Trata-se de uma refundação das práticas políticas, não uma reforma parcial dos modos de participação e nem uma meditação transcendental de inspiração oriental para novos mundos. Guattari (2015) se afasta das reformas e dos misticismos, assim como Moura (2021) também se afastou das peias religiosas e das negociações com um mundo que abafa a potência de viver. A ecosofia é um pensamento radical, conectado com as lutas sociais, com o presente e com as materialidades. Ao mesmo tempo, a ecosofia se conecta com a defesa dos imaginários, da possibilidade de sonhar, das subjetividades com suas possibilidades de criação de novos mundos. Mundos que ainda não sabemos nomear. Mundos em germinação, mundos em devir, mundos em diagramas. A ecosofia é uma *prática expandida da percepção ecológica* (Guattari, 2015, p. 53). Configura-se como uma forma de escapar das vertentes à esquerda e à direita da política institucional, que nada oferecem de novidade aos problemas evidentes do fim da vida no planeta. A ecosofia atua de forma local e planetária, com ações “mais federalistas” (Guattari, 2015, p. 52) que promovam o encontro de diversos fronts de resistência ao redor do planeta. A ecosofia coloca em questão, principalmente, dois pontos: primeiro, a redefinição do Estado, ou melhor das funções estatais, que são múltiplas, heterogêneas e contraditórias; segundo, a recentralização das atividades econômicas sob as produções subjetivas, e não o contrário, como vivemos hoje. “Hoje, a subjetividade individual e coletiva vive sob o regime da dobra sobre si mesma, na infantilização da mídia de massa, na ignorância da diferença e na alteridade tanto na esfera humana quanto no registro cósmico” (Guattari, 2015, p. 53). (Guattari, 2015, p. 53).

O conservadorismo candente, da direita e da esquerda, interpela, constantemente, os anarquistas com a pergunta: “*mas, então, como vai ser a sociedade que vocês querem organizar se vocês não têm um programa?*”. Um jogo retórico para descartar a via libertária, já que não oferecemos um planejamento prévio das formas de vida que constituirão uma sociedade libertária. Além de ser uma mentira deslavada, já que muitos anarquistas escreveram sobre diversas formas possíveis de organização, a saber: o mutualismo de Pelloutier, o federalismo de Proudhon, o anarco-comunismo de Reclus e Kropotkin, etc. Essa pergunta conservadora é, também, uma tentativa de limitar o pensamento e a capacidade de imaginação, fazendo-

nos prisioneiros de planificações, matemáticas e policiamentos do logocentrismo vigente. A previsão das novas formas de vida que pretendemos criar só é acessível quando as colocarmos em movimento - elas são a vida em devir, são inomináveis. Não há respostas a esta pergunta conservadora. O mundo libertário não se quer totalizante: cada comunidade viva irá encontrar suas respostas, como encontram hoje diversas respostas-percursos entre Chiapas e o Curdistão. A vida nova anarquista será tão nova que é possível que abandonemos a palavra anarquia no meio do caminho. Quando a palavra anarquia já não for necessária, inventaremos outras palavras. Não é possível esquadrihar as nossas propostas e as comparar para uma corrida eleitoral, a anarquia não é codificável por programas políticos institucionais. Não estamos nem à esquerda, nem à direita - estamos contra a política, nós somos a anti-política.

Acompanhamos nas primeiras décadas do século XXI diversos movimentos sociais que tornaram comum espaços de resistência às mulheres, às crianças, aos artistas, aos trabalhadores, aos povos pretos, aos povos periféricos. Uma das frases comuns a estes novos movimentos sociais do século XXI foi: *“Nossos sonhos não cabem em suas urnas”*. Vimos esta frase estampada por todas as ocupações e acampamentos que aconteceram ao redor do mundo em 2011 e também na luta dos estudantes secundaristas em São Paulo em 2015-16. “É evidente que os interesses políticos, sociais e econômicos escapam cada vez mais das disputas eleitorais que se reduzem, na maioria das vezes, a manobras da grande mídia”. (Guattari, 2015, p. 52). Obviamente essa frase foi capturada, um pouco mais a frente na história, por políticos de partidos da esquerda institucional; no Brasil, figuras como Marcelo Freixo (RJ), Sâmia Bomfim (SP); nos EUA, Bernie Sanders; no Chile, Gabriel Boric, etc. No entanto, a emergência desta frase vem da polifonia das ruas, das pessoas e dos movimentos heterogêneos articulados de forma local-global. Essa frase tem baixos começos em um processo coletivo de investigação, de uma prática comunitária de co-criação de uma máquina de guerra nômade. Não foram os especialistas das novas redes sociais, através de cálculos de engajamento e logaritmos que as escreveram para a campanha de algum candidato: foram as mãos e os corpos das pessoas nas ruas que fizeram a composição desse enunciado coletivo. Uma voz em coro dissonante, dissensual e articulado em torno de uma luta comum: o fim do mundo como ele é e a criação de uma terra livre, de uma vida nova. Vida nova, seja lá como for. Apenas não mais essa vida fodida e cafetinada. Apenas não mais este insuportável modo de viver. “Penso que temos que ir completamente além do essencial de nossas posições tradicionais entre

movimentos, partidos ou associações e encontrar uma nova forma que nos permita sobrepor, estabelecer uma relação polifônica entre os diferentes objetivos pragmáticos.” (Guattari, 2015, p. 63).

A educação libertária sempre compreendeu a si mesma como um movimento. Um movimento social, político, ambiental, comunitário e singular. Todas as práticas libertárias em educação, todas as educadoras e educadores (com e sem diploma), evidenciaram o movimento como prática fundamental de seus experimentos. É preciso colocar em movimento para evidenciar a vitalidade dos processos. A educação libertária nunca quis possuir um programa definido. A educação libertária não quer se fixar, não queremos sedentarizar nosso pensamento. O que não significa que não houve tentativas de constituir princípios, como veremos à frente nesta conclusão. As extensas análises do mundo realizadas por Kropotkin são recheadas de movimentos migratórios, movimentos em bando, movimentos de ataque, movimentos de defesa, movimentos de apoio, movimentos que são danças, movimentos que são jogos, movimentos que são puro movimento, etc. A vida humana, não-humana e virtual se aciona quando está em movimento. As escolas libertárias implementadas nos bairros operários de São Paulo no início do século XX eram conectadas diretamente com os movimentos sindicalistas e operários. A cultura libertária é um pensamento em movimento. Por ser e estar em movimento é permeável às transformações, às mudanças, às renovações, às destruições e às reconstruções. A presença marcante de Ferrer na prática e pensamento da educação libertária ressaltou, em inúmeras passagens de sua obra, a necessidade de criar vidas múltiplas em uma mesma vida. No entanto, como todo movimento de contra-ataque ao capitalismo, como todo movimento militante, é possível cair nas estratificações das palavras de ordem e nas cristalizações de programas educativos, matraqueando ladainhas de um velho padre anarquista. É assim com outros movimentos, é assim com o anarquismo. Na tentativa de criar contornos das próprias práticas, caímos em cristalizações e formalismos. Guattari (2015) e a ecosofia nos convidam à uma segunda pergunta: “Como habilitar novos campos de possibilidade? Como agenciar os sons e as formas de tal modo que a subjetividade que lhes é adjacente permaneça em movimento, ou seja, realmente viva?” (Guattari, 2015, p. 57).

A objetividade científica assola a todos nós no contemporâneo. É inflorada pelo cientificismo barato das pílulas diárias de representação que são ingeridas nas redes sociais, nas televisões, nas dietas, nas proposições médicas dos programas da tarde, entre uma receita de torta e uma nova

dieta anti-cancerígena, nos mitos sobre comer ou não ovo, nos debates sobre o glúten, etc. Todo mundo quer ditar a nova verdade sobre como viver bem e feliz. O militantismo também se infecta com esses procedimentos de normopatologização da vida: pensamos através do logocentrismo, nos agarramos às experiências do passado e ficamos com nossos pés soterrados por um concreto velho. Às vezes, não conseguimos nos mover. A ética nos leva a tomar atitudes diante da vida, o que é importante. No entanto, é na composição junto à estética que a ética se abre ao movimento constante. É preciso tomar atitude, defender os contornos de uma prática. No entanto, é preciso também manter as janelas abertas para que a estética possa mudar as coisas de lugar de vez em quando. Não há pureza para as práticas de revolução. Não há dosagem certa para as tentativas de revolta. Tudo está em jogo, nada está garantido. Ainda bem! Estamos vivos, estamos em movimento. Só nós junto com as nossas alianças podemos cultivar a autonomia diante de tais processos criativos de revolta. Novamente, não se trata de reinventar a roda e abandonar os acúmulos do passado. No entanto, quais são os possíveis usos de uma roda hoje? Quais são as potências que o passado não exprime? Quais são os virtuais que ainda estão em devir no cosmos e que podemos acessar para pensar as práticas de expansão-singular associadas à solidariedade-coletiva dentro da educação libertária? A ecosofia nos provoca a pensar para além das reivindicações da história material e política. “Além das demandas materiais e políticas, surge a aspiração de uma reapropriação individual e coletiva da subjetividade humana”. (Guattari, 2015, p. 53-54). Quais são as fissuras que precisamos seguir escavando para a constituição de outras práticas, renovadas, da educação libertária? Acredito que podemos esboçar alguns pontos de inflexão sobre essa questão, saber: a potência do sonho, a potência da inquietude, a coragem em vulnerabilizar as certezas, a coragem de abandonar certas ideias, a coragem de fazer alianças com amigos insuspeitos, a recusa das antigas formas de trabalho como pilar educacional, a necessidade de alianças com as minorias e seus pensamentos minoritários, etc. A ecosofia afirma que “é precisamente sob a condição de que haja uma invenção de outra forma de militar, de fazer política, de articular a preocupação mais imediata, mais cotidiana, tanto no nível do meio ambiente quanto no nível da vida social, do que acontece no bairro, nos hospitais etc.” (Guattari, 2015, p. 64).

Em outro texto, de 1992, Guattari (2015), recupera o debate iniciado em 1977 com Bifo, sobre a classe operária. A ecosofia no contexto do sindicalismo procura conectar uma ecologia do que é visível, uma ecologia das formações sociais e uma ecologia das subjetividades. Ainda é preciso destruir o conceito

de classe operária como um conceito hegemônico na luta pela defesa da Terra. Esta Terra que está revelando sua finitude: “o planeta Terra se revela a cada dia um pouco mais como um mundo fechado, que parece até encolher no ritmo da aceleração da velocidade da comunicação, do deslocamento e da troca”. (Guattari, 2015, p. 309). A ecosofia, a esquizoanálise e a revolução molecular convocam para uma transversalidade das lutas agenciando lutas minoritárias de diversos fronts, que não procuraram racionalizar um programa comum a todas as lutas. Afinal, em muitos pontos existem dissensos inconciliáveis.

O objetivo ecosófico, portanto, não se reduz à captura de um objeto comum “claro e distinto”. Ao contrário, ele é um portal transversalista entre universos heterogêneos de valores. Ele é fundamentalmente heterogêneo e ressingularizante. Isso não quer dizer que seja apenas uma nuvem confusa, uma aspiração imaginária. Ela implica um questionamento permanente das instituições existentes e uma política de abertura (Guattari, 2015, p. 314).

É preciso dizer o problema, falar francamente, enunciar abertamente: botar na roda e fazer ela girar. Os interessados vão se encontrar para a luta continuar. Os dissensos produzem diferenças e problemas. Os problemas fazem o pensamento se mover. É preciso ser um problema, uma pedra no sapato do maquinismo do capitalismo. Implica-nos, aqui, a necessidade de reconhecer que velhas fórmulas não nos levarão para novas soluções. É preciso sair da lógica redundante e cientificista, para entrar em uma lógica de multiplicidades baseada nos saberes dos vivos, nos saberes tradicionais, nos saberes para além da racionalidade. Os anarquistas sempre estiveram atentos às práticas de investigação coletiva, sujando os altares das ciências com as poeiras das ruas. É preciso seguir descendo do altar operarista para entrar nas tramas transversais da luta dos de baixo. A ecosofia pode ampliar, neste sentido, as potências da educação libertária. Servir de consistência para ampliar o acesso ao virtual, ao novo, ao desconhecido, ao diagrama, aos universos incorporais. Sair das especulações estruturalistas da época áurea do anarquismo sindicalista e acionar uma “É a passagem para a ação coletiva em todos esses campos práticos que as ideias ecológicas poderão se tornar algo mais do que uma moda superficial de opinião. Em suma, trata-se de abrir-se ao surgimento de uma nova democracia ecológica, sinônimo de inteligência, solidariedade, consulta e ética da responsabilidade”. (Guattari, 2015, p. 421).

O texto que segue esse manuscrito é um ensaio ecosófico sobre a educação e a educação libertária. Seu gesto se dá por aforismos e se vale de uma linguagem não estritamente científica. São pistas para uma prática ecosófica na educação libertária. São pistas para afugentar os grilhões que nos amarram e inspirar voos livres coletivos.

pistas para uma anti-educação ou pistas ecosóficas para a educação libertária

a. *Duvide de todos os princípios.* Dê princípio à sua própria ação a partir dos locais onde se vive. Inicie suas próprias descobertas a partir das pessoas, imaginários, animais, plantas, territórios e paisagens que estão engajadas na própria ação que se deseja realizar. O princípio de algo está sempre disponível para as pessoas (e coisas) que se põem em movimento. Não há princípios para iniciar algo que se encontrava estagnado. Apenas é preciso agir. Não tenha medo, e, se tiver, vá com medo mesmo. Militar é agir.

b. *Abra as janelas da razão para que o sonho possa invadir e mudar tudo de lugar.* Nas práticas educacionais precisamos incentivar as imaginações inusitadas das vidas dos pequenos, dos jovens, dos velhos, etc. É através dos pensamentos mais disparatados que teremos possibilidades de expandir a vida. As coisas não aconteceram onde estávamos esperando que fossem acontecer. É através do caótico pensamento indócil dos mais pequenos que teremos a chance de revitalizar a vida adestrada dos adultos. Os que estão por vir carregam em si fortes coeficientes de novidade. Sejam jovens, sejam velhos, algo de novo acontece quando alguém se dispõe a correr o risco de encarar a vida sem as couraças do mundo adulto (seja a pessoa uma adulta inclusive). Quando um ponto de um agenciamento se altera, toda uma rede se reorganiza. Um ponto não é apenas um ponto. Cada coisa está enganchada em outras tantas coisas, que os movimentos mais sutis de um ponto repercutem por toda a rizoma. É preciso cultivar o sonho fora da terra e o imaginário para uma educação que ainda não conhecemos, que ensine coisas que ainda não sabemos, tanto para alunos como para professores.

c. *O mundo não é evidente, tudo está por se fazer, inclusive a nossa própria vida.* É preciso duvidar dos currículos, das teorias do desenvolvimento cognitivo, das teorias sobre o funcionamento do mundo, das teorias das teorias das teorias etc. Nada está pronto. O mundo não está aí para ser apenas

apreendido ou descoberto. O mundo está para ser construído por todas as pessoas, inclusive por aquelas que ainda não sabem dizer uma só palavra sobre o mundo. Muitas vezes são aquelas vidas que ainda não conhecem uma só palavra, que poderão dizer as novas palavras, que nos levarão para caminhos diferentes dos que estamos indo. A história não está aguardando a revolução proletária prevista no tal manifesto do século XIX. A história precisa ser rachada ao meio pelo desejo incontornável das nossas fúrias e da nossa inquietude. A transformação da história não se dá pelos sujeitos localizados na posição de assujeitados, seja pelo capital, seja pelo partido. Para constituir o sujeito da história, é preciso deixar que seu maquinismo arranhe com força a topografia dos territórios existenciais e se agence com as miríades de possíveis que estão em devir. O sujeito revolucionário não é o homem (não é apenas o homem): é bicha, puta, mulher, criança, preta, indígena, caçara, drogado, perdido, piriguete, artista, delirante, louca, histórica, etc. São os povos de baixo. Seja na sala de aula, seja nas ruas, é preciso tomar a construção do mundo pelas mãos. Todas as mãos são bem vindas.

d. A finitude é regra geral de todas as coisas, inclusive das nossas próprias verdades. Um movimento de criação só pode ser engendrado quando algum outro movimento termina. As verdades morrem com o tempo, com o espaço, com as práticas e com as mudanças. A ciência nunca dirá a palavra final sobre nada. A ciência deve ser nossa, feita por nós, os de baixo. Os programas fixados por qualquer um que queira falar em nosso nome, não nos serve. As novas máquinas emergem da finitude das antigas máquinas. É preciso se aliar aos phylums maquinicos e tomar posse da finitude das coisas. Se nós fazemos algo morrer, ao nosso modo, temos mais chances de criar o que virá, aos nossos modos também. Se o capital extermina os territórios, precisamos nos aliar às forças remanescentes para instaurar novas práticas. E o capital sempre tentará forçar suas formas de vida sobre nós, é preciso saber dizer não. Paz entre nós e guerra aos senhores. O nosso sim é o nosso aliado.

e. Precisamos ir juntas. A outra vida, que é desconhecida, é nossa amiga: acolha-a, acompanhe-a. Será sempre complicado e tortuoso o caminho de acolher a diferença. O desconforto com a novidade é importante para nos alertar sobre as alterações no nosso plano topológico-relacional. Quando a balança muda de posição, quando sentimos o nó na garganta, quando sentimos a grande confusão e a grande catástrofe - é hora de lembrar das alianças. É hora de lembrar das redes de apoio mútuo. É hora de fortalecer a conspiração para florescer as novas descobertas. A vida nova é um embrião

frágil que o capital tentará sempre aniquilar pelo esquadramento logocentrado. É preciso cultivar uma ternura desconfortável diante da mudança, tendo as presenças companheiras por perto. É preciso conspirar para ouvir as palavras que ainda não tem grafia. A educação contemporânea tenta por todas as formas desenhar de antemão os itinerários do conhecimento que será tracejado pelas vidas inquietas das estudantes. Forçam a barra para fazer cumprir uma série de habilidades e competências a qualquer custo - como um decreto. A vida não se dá por decreto. A vida se dá por baixo, pelas frestas, pelos desconhecimentos, pelos vagueares nos caminhos cobertos pela poeira. Cultivar a anti-educação é afirmar que os itinerários são tracejados no próprio passo do aprender. É preciso vaguear junto, caminhar junto, estar por perto e fazer da presença uma estranha bússola. Uma bússola que se atualiza a cada novo encontro. Uma bússola que se reorganiza com cada novo encantamento com o mundo. Se a catástrofe pode nos fazer acessar a novidade, ela também carrega consigo uma nova constelação de universos de valor. Fazer uma anti-educação é deixar a navegação da aprendizagem se guiar por novas constelações que ainda não estão escritas nos céus. Estar atento ao que está à espreita.

f. A experiência é a mestra de todos os caminhos da novidade.

É preciso se fiar nas experiências de forma radical. A ciência tradicional estipulou um manual de realização das experiências científicas, outorgando na mão dos especialistas a manutenção da ordem e da verdade. É preciso uma certificação, um carimbo, uma benção, um diploma, uma carteirinha ou qualquer coisa que o valha para poder realizar experimentos que sejam validados pelo poder e pelo conhecimento. Aqui não. Aqui a experiência, e seus parâmetros, é livremente associada pelas pessoas engajadas no processo de realização da experiência. Bem como a forma de validação do saber que será produzido. Autogestão das ciências, como a ciência libertária está cultivando há dois séculos. A autogestão material dos modos de produção da nossa própria vida está assentada na autonomia de escolher os modos que iremos determinar o que é verdadeiro e falso. Ou mesmo se seguiremos a tomar por verdadeiro e falso as coisas. Tomar posse das próprias experiências. Tomar posse de si. Uma posse coletiva, compartilhável e impermanente.

g. Não há negociação com o capital. É ação direta: tiro, porrada e bomba. A axiomática capitalística saberá nos emboscar nas tardes sombrias da fome, nas mazelas das madrugadas em claro quando procuramos modos de sobreviver, nas manhãs sonolentas em que somos forçados a trabalhar. A axiomática capitalística saberá tentar os professores a reproduzir as violên-

cias que sofreram em seus percursos educacionais, saberá instituir ordens inquestionáveis para garantir um pouco de calma para os professores precarizados das redes públicas, saberá estimular a competição entre diretores, coordenadores, professores, alunos, etc. É preciso manter as orelhas em pé e cartografar as infiltrações que as modulações capitalísticas querem inferir em nossos corpos. É preciso perceber que os achatamentos da vontade de viver vêm de uma operação planetária, sem grandes vilões por detrás de nada. São os múltiplos polos de ressonância do poder ecoando o esvaziamento da vitalidade dos corpos. Antes fosse um coringa ou um dragão malvado. É tempo de tantos inimigos, que é fácil nos confundirmos. Esta percepção nos ajuda a não colocar a culpa em nossos camaradas, alunos, coordenadores, diretores, professores, famílias, etc. Muitas vezes o ódio que uma situação-problema (barulho na aula, desatenção, precariedade de trabalho, etc) faz emergir em um coletivo uma atualização da guerra inter-pessoal. O Capitalismo Mundial Integrado (Guattari, 2015) nos quer segmentarizados e impotentes. Os poderosos do mundo, nos seus múltiplos espalhados pelo planeta, nos querem tristes e tretando entre nós. É mais fácil nos vencer quando já estamos exaustas de brigar com nossos vizinhos. É preciso meter o pé no peito do capital, mesmo que seja difícil localizar onde está esse peito. É preciso aprender como fazer isso. Só poderemos saber como fazer isso através de um processo de investigação coletivo, liberando espaços para que todas as pessoas engajadas no processo tomem a palavra. Se for preciso tocar fogo, tocaremos. Se for preciso escrever poemas, escreveremos. Se for preciso nos cuidar, nos cuidaremos. Se for preciso inventar outras palavras, inventaremos. Se for preciso matar essa sociedade, nós estamos prontas. O fascismo não se debate, o fascismo se destrói.

h. Agir localmente, pensar globalmente e sentir cosmologicamente.

É preciso instaurar um outro gosto pela vida. A luta segue internacionalista, no entanto, já não se tratam mais de nações. O Capitalismo Mundial Integrado transformou o planeta em uma grande fábrica, onde todos estão submetidos à extração da mais valia e às modulações subjetivas. Os que tentaram escapar - e foram pegos - estão espalhados pelos campos de concentração a céu aberto. Não se trata mais de constituir uma classe trabalhadora forte em cada nação para juntos estabelecermos a nova ordem mundial pela Internacional dos Trabalhadores. Ter um sindicato forte é uma premissa para a boa extração da dominação. Existe um continuum no front das classes. Entre o burguês e o operário sindicalizado se constitui a continuidade do nosso regime de exploração. É preciso transversalizar. As ações dos bairros, dos coletivos espalhados por todos os cantos do planeta, as pequenas iniciati-

vas, as práticas de comunidade, os sistemas de troca fora do mercado, as pequenas transformações sensíveis, etc. Estes são os verdadeiros motores da história. Será preciso algum centralismo para agenciar essas lutas locais em redes regionais e globais. É evidente que é preciso encontrar algum tipo de comum. Algum centralismo que se dará através de federalismos. Federalismos que pratiquem uma abertura para a mudança e para o novo. Não vamos reproduzir o erro dos soviets e do politburo. Além disso, é preciso ativar uma sensibilidade cosmológica para acolher as percepções que ainda não conhecemos, os códigos que vêm sem forma, as coisas que ainda não tem uma resposta sistematizada. Precisaremos, como as zapatistas, caminhar perguntando. É preciso adicionar a luta ecologista, que já reivindica um agir local e pensar global. É preciso instituir um sentimento cosmológico do mundo, uma defesa das formas de vida que ainda não existem. Defender nossa capacidade de imaginar que um outro mundo é realizável pelas nossas mãos, nunca pelas mãos deles. Cultivar uma anti-educação é preparar os corpos (físico, mental, subjetivo, afetivo, relacional) dos que estão por vir para encarar esse desafio, ao mesmo tempo, que nos preparamos para os acompanhar nas novas trincheiras que estão se configurando através da Guerra Climática Mundial.

i. Não há contradição entre o indivíduo e o coletivo. Há aliança e solidariedade multiespécies. Fomos criados na cisão entre as substâncias vivas da terra. Insistem em nos apartar, nos dividir e nos cindir para que ocupemos um nódulo terminal na organização do mundo. Um nódulo assujeitado. Somos um canal de condução das extrações de vitalidade e da mais-valia do capitalismo. Estamos cafetinados. Estamos maquinados pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação. Estamos, insuportavelmente, moídos pela vida como ela é. Implicam o tempo todo que há uma contradição entre os desejos individuais e as necessidades coletivas. No entanto, estamos aprendendo, coletivamente e socialmente, que os desejos não têm origem em nenhum iceberg escondido em nosso inconsciente, como prescreveu a psicanálise e a psicopedagogia. Estamos aprendendo a não temer os desejos, como a educação sempre preconizou. É preciso canalizar os desejos das crianças para o bem, é preciso conduzir os quereres dos mais jovens para o bem comum da sociedade. É preciso transformar o desejo furioso por uma vida digna dos alunos das periferias das cidades e os canalizar em itinerários profissionais que ofereçam mais do que um lugar no mundo precarizado. É preciso forçar a adesão a este mundo, mesmo que todos os professores estejam adoecidos por este mesmo mundo. Estamos aprendendo com a revolta das mulheres, das queers, das trans e das lgbtqi+ que os desejos são maquinações que

realizamos de forma coletiva, entre humanos, não-humanos e devires. É através dos agenciamentos coletivos de enunciação que constituímos os querereres. Nós podemos assumir os desejos mais loucos, mesmo que eles não encontrem aderência no mundo como ele está. Os desejos não são ruídos que precisam ser domesticados pelo logocentrismo. Os desejos são as rachaduras nos territórios existenciais que permitem o acesso ao novo. A educação libertária sempre esteve atenta às composições possíveis entre as singularidades e as coletividades. Aliás, é apenas através de uma construção coletiva de práticas de liberdade que essas duas substâncias podem se encontrar e se emaranhar. A paixão é a ponta de lança da experiência e da educação para a terra livre. É através da implosão dessa cisão entre um EU e um OUTRO que poderemos cultivar uma hospitalidade radical para acolher as diferenças e edificar práticas solidárias.

j. Tome a palavra, fale o problema, esteja no problema, seja o problema. Nossas palavras foram raptadas pelos sistemas de codificação-decodificação das tecnologias da informação e da comunicação. Somos constantemente estimulados a reproduzir as palavras que são fabricadas em algum lugar distante de nós mesmos. Reproduzimos os emails institucionais, reproduzimos as canções que estão nas trends das redes sociais, reproduzimos os jargões das atrizes da televisão, reproduzimos as lições dos professores, reproduzimos até os modos de amar as pessoas ao nosso redor, reproduzimos as palavras de ordem pelas ruas, repetimos, repetimos... Querem que sigamos repetindo para não evitar problemas. Gritamos nas ruas que o fascismo não passará, enquanto ele já passou, tomou conta do babado todo e trouxe junto toda a boiada do agronegócio, do econegócio, do queer-negócio, etc. Toda a trama de enunciados maquinados pelos equipamentos coletivos do aparato de Estado e da axiomática capitalista. Estamos rodeados pelas *palavras-de-ordem*. A máquina escolar é o principal equipamento coletivo de modulação subjetiva das populações. Os governos se orgulham de terem inserido cada vez mais crianças dentro das escolas. Escolas por todo lado, por todos os rincões do país e do planeta. Enquanto a escola for o lugar de serialização das subjetividades do regime vigente, quanto mais escolas, mais gado obediente teremos. Enquanto a educação se mantiver como está, fixada nos currículos, programada pelas táticas do empreendedorismo e orquestrada por uma sociabilidade violenta (estimulada da diretoria ao alunado), teremos cada vez mais uma população solapada pelos destertos do capitalismo mundial integrado. Tomar a palavra não é uma ação individual, é um gesto coletivo. Tomamos a palavra, juntas. Tomamos as palavras pelas mãos para metamodelizar outras formas de dizer. Dizer

as outras palavras, aquelas que não nos são permitidas. Tomar a palavra é sustentar coletivamente a possibilidade de que algo seja dito. Faremos isso agenciando forças com as mulheres, as crianças, as putas, com as bichas, com as cholas, com os mapuche, com as zapatistas, com os curdos, com o povo preto, com os povos originários, com os povos quilombolas, com os povos periféricos, com os povos ribeirinhos, com os povos caiçaras e assim por diante... As palavras precisam voltar a colocar problemas para o mundo, as palavras precisam ser arranhões na cara da cafonice adestrada do assujeitamento capitalista. Sejam os nós o problema do mundo, não a sua luz. O problema é a força que movimenta o pensamento para o novo. Estejamos dentro dos problemas, sustentando aquelas e aqueles que estiverem nos elos mais frágeis da corrente, para superar as amarras e dançar junto com as palavras proibidas. A anti-educação precisa ser um gira onde a maior quantidade dos setores humanos e não-humanos dos povos de baixo são escutados. Tomar a palavra não é sobre tomar a fala para si, mas expandir a escuta para cada vez mais gente. Em nossas práticas educacionais precisamos valorizar a possibilidade de escutar as palavras que ficam pululando entre os encontros. Onde se vê indisciplina, escutar as pistas das vidas que estão solapadas querendo um lugar na partilha do sensível.

k. Não se apaixone pelas palavras, esteja sempre dois passos antes delas se tornarem palavras-de-ordem. Cuidado! A paixão é um perigo. A paixão mobiliza nosso território existencial como um terremoto. A balança muda, o mal estar aparece, o desmanche se dá. Diante de nós, de repente, uma bifurcação. Ou tomamos os caminhos da representação asfixiante e queremos retomar o velho mundo já conhecido. Queremos nos agarrar aos conteúdos que já conhecemos. Queremos recuperar o fôlego. O problema é que o ar que se insufla no pulmão, neste caso, está recheado das modulações capitalistas e dos arcaísmos reativos: o fascismo, o falocentrismo, o machismo, o romance burguês, o autoritarismo, a possessão, etc. Ou, por outro lado, tomamos os caminhos da experimentação vulnerável e sutil de acompanhar a intuição. Seguir por caminhos indicados por vestígios de palavras sem grafia, por músicas sem melodia, por direções quase incompressíveis. Em algum ponto, essa segunda bifurcação, depois de conspirar com nossas aliadas, depois de tomar o espaço e o tempo necessários para o processo ser gestado, nos darão novos contornos, novas palavras. Não estaremos sozinhas nesse momento, estaremos juntas. Quando essa nova verdade sobre a coisa sentida se fizer palavra, será uma bela palavra, constituída desde os de baixo, desde nós mesmos. Será, finalmente, a nossa palavra. A palavra da nossa gente. No entanto, cuidado novamente, esteja-

mos sempre a dois passos dela. Não nos apaixonemos nem mesmo pelas nossas próprias palavras, deixemos que elas fiquem um pouco soltas no ar. Deixemos que elas sigam, assim, os processos contínuos de variação e de liberação. Deixemos que nossas palavras se libertem da nossa paixão por elas. Será preciso. Já que quando chegar o momento do próximo terremoto - ele virá, certamente - nossos corações se deixarão mais leves diante da ruína da nossa própria palavra. Praticar uma anti-educação é estar permeável aos desmoronamentos constantes das nossas verdades e das verdades daqueles que estão conosco no processo de aprender-construir o mundo.

I. Nós sabemos como nos organizar em todos os campos: afetivos, sociais, produtivos, cosmológicos e ambientais. O anarquista francês, Proudhon, já sabia. O indígena brasileiro, Krenak, já sabia. Você já sabia. Nós já sabemos. Nós sabemos muito bem nos organizar sem a mira constante das armas de um vigia. Não precisamos dos Estados e seus mecanismos adestradores para viver uma sociedade de Bem Viver. As populações são diversas e múltiplas. Se tivermos a oportunidade, saberemos o que fazer. Agora, como é possível cultivar apoio mútuo e solidariedade, se a maioria da população vive com uma mira nas costas? Ou se morre de tiro, ou se morre de fome. Não precisamos de especialistas externos para produzir o saber e o conhecimento necessários para organizar nossa produção. Através de uma educação integral, borboleteante e autogerida, podemos construir nossas próprias redes de saberes, que organizarão a nossa própria vida através de federalismos e arquipélagos. O Estado e o Capital insistem em inculcar em nossas mentes e corações o medo. Medo da nossa suposta reação egoísta diante da ausência de contornos fixados pelo Estado. Medo das assembleias populares com vozes dissonantes que poderiam estabelecer a autogestão - o inferno na Terra. Insistem que se um cometa vier em direção a Terra, como no filme *Don't Look Up* (2021), teremos de um lado os cientistas e os bilionários tentando achar as soluções, enquanto a horda popular entra em pânico nas ruas. Precisamos nos livrar deste medo. A autogestão já existe em diversos cantos do planeta, desde experiências robustas e complexas como o Zapatismo e a Revolução Curda, como em pequenos grupos e associações de bairros. Não somos uma horda de desorientados egoístas que pensam apenas na nossa própria alegria à revelia do bem comum. Podemos estar deste modo. E se estamos assim, é porque nos queremos assim, porque infiltram esses ideais a torto e a direita. A educação contemporânea é um grande antro de infiltração destes ideais. Os currículos insistem em uma autonomia atomizada, onde cada um concorre com seu colega, onde cada aluno precisa se destacar para garantir o sucesso da sua vida profissional. Onde cada um

tem o seu lugar através do seu mérito individual conquistado em uma guerra contra o mundo. Se você não possui as habilidades e competências que o currículo exige, você está fora do jogo. E fora do jogo ou você trapaceia, rouba e faz o diabo; ou você é um bilionário, herdeiro de uma fortuna, com sua sorte garantida. É preciso ser uma pedra no sapato dessa educação. Praticar um anti-educação é fazer alianças que ativem um campo sensível de investigação coletiva de formas de viver em bando. Os bárbaros não são violentos com os seus, somente contra os Impérios.

m. Nem vago, nem fluído. Tomar uma atitude. Viver a errância de uma anti-educação não é descer uma ladeira com uma bicicleta sem freio e os olhos vendados. Não é um deixar a vida me levar - por mais que seja alegre (e triste), como são os pagodes. Não é vago, como o olhar do cristo redentor, morto e crucificado pelos seus pecados. Não é fluído feito a lama das barragens de Brumadinho. É tomar uma atitude de errância. É tomar uma atitude diante da fixidez dos programas estagnados. É tomar a via que não está à esquerda e nem à direita. É romper afetiva e materialmente com o sistema vigente, como nos inspira Jaime Cubero (2015). É conduzir as próprias experiências através das alianças que se faz a cada momento, com cada grupo, com cada comunidade. É trocar experiências com comunidades vizinhas e criar redes de solidariedade. É ir na contramão da cidadania que coloca cada um no seu quadrado enfaixados de direitos sociais - que são meras ficções. Os direitos só serão precisos até que todas as pessoas possam ter acesso a certos parâmetros mínimos de sobrevivência. No entanto, nós queremos mais. Queremos que as garantias sejam dadas por nos mesmas, através dos nossos termos. Não por um juridiquês incompreensível para a maior parte das populações do planeta. Queremos que as existências se consolidem na construção de práticas de liberdade, agora, no presente, não no futuro. Não depois das eleições, não depois que a esquerda for eleita, não depois da feijoada do sindicato... Queremos construir os diagramas de uma nova sensibilidade, que oriente nossas escolhas com uma racionalidade enxameada de sonhos. Há vida e pensamento para além da razão e nem por isso nos tornamos vagos. Não precisamos reproduzir um programa logocentrado para afirmar nossa atitude. Não precisamos pensar com as mesmas ferramentas dos programas que nos governam. Precisamos inventar nossas próprias ferramentas e precisamos aprender com as ferramentas que já foram criadas por outras revoltas. A educação libertária é velha e experiente. Precisamos aprender com ela. Ao mesmo tempo, é preciso atualizar alguns dos seus pontos a partir da nossa própria vitalidade. A cultura libertária não

pára no tempo. Não cristalizamos no passado: estamos vivas, estamos vivos, estamos vives.

Apenas o que move, transforma.

Referências

Cubero, J. (2015). Jaime Cubero: Seleção de Textos e Entrevistas. Centro de Cultura Social.

Ferreira, J. M. C. (2006). Élisée Reclus: Vida e Obra de um apaixonado... In Revista Utopia (Nº 21, pp. 1-20). Lisboa.

Guattari, F. (1981). Revolução Molecular (3ª ed.). Brasiliense.

Guattari, F. (2001). As três ecologias (M. C. F. Bittencourt, Trad.). Papyrus.

Guattari, F. (2004). Psicanálise e Transversalidade: Ensaio de Análise Institucional. Ideias e Letras.

Guattari, F. (2012). Caosmose: um novo paradigma estético (2ª ed.). Editora 34.

Guattari, F. (2012b). De Leros à La Borde: Práticas analíticas y práticas sociales. Ediciones Casus-Belli.

Guattari, F. (2015). Qué es la ecosofía? (S. Nadaud, Ed.). Cactus.

Guattari, F. (2016). Guattari: confrontações / conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos. N-1.

Guattari, F. (2020a). Las luchas del deseo: Capitalismo, territorio, ecología. Pólvora Editorial.

Guattari, F. (2020b). Guattari/Kogawa: rádio livro, autonomia, Japão. Sobinfluencia Edições.

Guattari, F. (2022). Desejo e Revolução: Conversa com Bifo Berardi, Paolo Bertetto. Sobinfluencia Edições.

Godinho Gil, A. (2013). Diagramas para pensar/diagramas de sensação. In S. Gallo, M. Novaes, & L. B. O. Guarienti (Eds.), Conexões: Deleuze e política e resistência e... (pp. 1-15). De Petrus et Alii, ALB, CAPES.

Kropotkin, P. (2021). Apoio Mútuo: um fator de evolução. Biblioteca Terra Livre.

Moura, M. L. (2021). Ferrer, o clero romano e a educação laica. Centro de Cultura Social.

Rolnik, S. (2018). Esferas da Insurreição. Editora N-1.